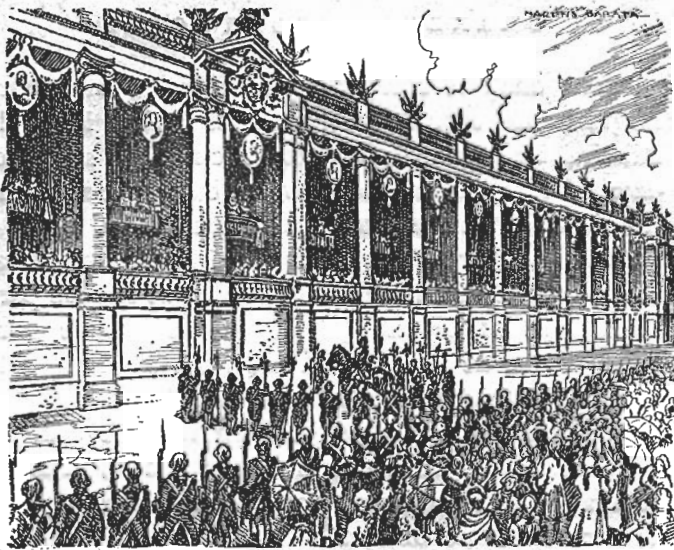


A C L A M A Ç Ã O
D E D . M A R I A I



Lisboa, 14 de Maio de 1777.

Dia sob todos os aspectos formosíssimo foi o de ontem em Lisboa. As ruas inundadas de forasteiros, o Tejo coalhado de embarcações embandeiradas; alegria em todos os rostos, animação por tôda a parte. Há quantos anos se não respirava tamanha felicidade nesta capital?

Quando chegámos ao Terreiro do Paço já nêle se comprimia uma multidão de gente das mais variadas condições, não só de Lisboa e arredores, mas vinda de terras mui distantes para presenciar a grande solenidade da Aclamação e as festas que se vão seguir. Quatro regimentos de infantaria se formaram em batalha, na dita real praça, fazendo frente para a Varranda.

Esta, onde teve lugar a cerimónia, é uma obra magnificente, erguida onde eram os antigos Paços da Ribeira. Delineou o seu risco felicíssimo o sargento-mor Mateus Vicente de Oliveira e compõe-se duma galeria com vinte e oito arcos, rematada ao norte e sul por dois corpos de nobre arquitectura com escadarias repartidas em tabuleiros por onde se sobe para a Varanda. Mede essa galeria 473 palmos de comprimento por 45 de largo e está adornada exteriormente com figuras alegóricas, troféus, medalhões e festões de sêda de soberbo efeito, e interiormente com sa-nefas de veludo carmesim franjadas a oiro, alcatifas de França de riquíssima qualidade e painéis no teto de surpreendente pintura.

Ao fundo da galeria, o trono para Suas Majestades, ornado de sêda e talha sobre-doirada, de tão primoroso artificio que não se torna possível descrevê-lo.

*

Eram quatro horas da tarde quando se formou o cortejo real que, atravessando várias salas, acompanhou as Majestades até o trono onde ia realizar-se a solene função.

Vinham à frente os porteiros da Cana, uns com as canas nas mãos, outros com as maças de prata aos ombros. Seguiam-se os reis de armas, arautos e pas-savantes com suas ricas cotas de armas, e logo os moços da Câmara, os moços fidalgos, o corregedor do crime da Côrte e Casa e, após estes, todos os grandes títulos em duas alas — Barões, Viscondes, Condes, Principais, Bispos, Arcebispos e os Marqueses com os

oficiais da Casa Real no meio, todos com as suas insígnias. Depois, os Secretários de Estado: Ex.^{mos} Visconde de Vila Nova da Cerveira, Martinho de Melo e Castro e Aires de Sá e Melo; o Duque de Cadaval, o Em.^{mo} Patriarca eleito, capelão-mor, o Conde de Óbidos, meirinho-mor, com sua vara na mão, o Conde de S. Lourenço, alferes-mor, com o Estandarte Real enrolado, o Senhor Infante D. João, vestido em corpo, fazendo de Condestável, com o estoque levantado, seguido do Conde de Val de Reis; e o Sereníssimo Príncipe D. José, vestido de capa e volta, acompanhado do seu camarista D. Francisco Xavier de Meneses Breiner, ambos descobertos. Imediatamente a seguir vinha El-Rei, em grande cerimónia, vestido de terciopelo com riscas côr de fogo, bordado a lantejoulas e canutilhos, coberto de chapéu por dois lados desabado com adôrno de plumas brancas e presilha de preciosíssimos brilhantes. Dos ombros pendia-lhe a opa roçagante de lhama de prata recamada de ouro, a cuja cauda pegava D. Pedro da Câmara, seu estribeiro-mor.

Coroava êste magnífico e luzido acompanhamento a Rainha Nossa Senhora, riquissimamente vestida com precioso manto de tafetá tecido com fio de prata e recamado de lantejoulas; o peitilho era todo guarnecido de flores de brilhantes de excessivo preço e admirável artifício, sôbre o qual pendia de fita vermelha a Cruz da Ordem de Cristo composta de brilhantes-diamantes de pasmosa grandeza. O toucado fingia uma coroa imperial tecida de jóias do mais subido valor e cingia-lhe a régia fronte com tal arte que figurava ser uma só pedra sem semelhante na

preciosidade e bom gôsto. O manto real, que lhe caía dos ombros, era de volante carmesim tecido a prata e guarnecido pelas extremidades com rendas de oiro. No corpo do manto viam-se, dispostos em proporcionadas distâncias, cento e vinte castelos com as reais quinas, tecidos a oiro.

Servia de braceiro a Sua Majestade o Senhor D. João, seu mordomo-mor; acompanhava-a do lado esquerdo o Marquês de Tancos e pegava-lhe na cauda do manto a Marquesa de Vila Flor, camareira-mor. Fechavam o cortejo as damas de honor: Condessas das Galveias e de Lumiães, e mais oito damas tôdas vestidas à imperial, com seu adôrno de ricos adereços e preciosas flores de diamantes.

*

Com a autorização por escrito que me deram os Srs. Conde da Ponte, a quem fôra cometida a inspecção da Varanda, e Conde de Rêsende, capitão da Guarda Real, para circular livremente por tôda a parte, pude presenciar de perto todos os aspectos da imponente cerimônia que ia realizar-se.

Ao aparecer a Rainha Nossa Senhora na entrada da galeria, a alegria e o entusiasmo que se manifestaram entre os convidados transmitiram-se à multidão do povo que se aglomerava no Terreiro do Paço, se estendia pelas ruas próximas, pejava as janelas e os telhados e se debruçava até de bordo das embarcações que juncavam o rio de mil côres; e os *vivas* à nossa amada Soberana pareciam não ter fim.

Mas, por entre a plebe convulsionada, houve quem soltasse êste grito:

— «Pombal! Pombal! Morra Pombal! Morra!»

Não foi preciso mais para que tal imprecação se estendesse a tôda a populaça, que, dentro em pouco — excitada pelo ódio ao antigo Ministro e recordando-se dos milhares de vítimas que durante o seu govêrno apodreceram nas masmorras ou saíram delas estropiados e meio mortos, quando a Rainha, logo após a mortê de El-Rei seu Pai, que santa glória haja, mandou soltar todos os presos do Estado que ainda se encontravam nas enxovias — começou a gritar, pelas praças e ruas próximas:

— «Morra Pombal! Morra! Morra!»

Corri a ver até onde iria a excitação popular. Parece que se previam estas arruaças e que tinham sido dadas ordens para se reprimir qualquer manifestação, porque logo um oficial do exército, à frente do seu pelotão de cavalaria, correu de um lado ao outro a ameaçar que castigaria severamente aquêles que continuassem a perturbar a alegria daquela festa com gritos de rancor e de morte.

Sossegou imediatamente o povo; e como o cortejo desfilasse junto à parte exterior da Varanda para poder ser admirado por todos os que se encontravam na real Praça do Comércio, tudo ficou absorto naquêlê espectáculo deslumbrante e só teve depois manifestações de simpatia e louvor.

*

Chegando Suas Majestades diante do trono, descobriu-se El-Rei Nosso Senhor, e, com o chapéu na mão direita, saüdou a Sereníssima Princesa do Brasil e as reais Infantas, que estavam numa tribuna com

o Em.^{mo} Cardial da Cunha, que, como se sabe, a-pesar-da sua muita dedicação ao novo estado de coisas, a Rainha, há poucos dias, dispensou de se apresentar no Paço. Depois, o Conde da Calheta descobriu as duas cadeiras em que Suas Majestades se sentaram.

Aproximou-se o Marquês de Tancos e ofereceu à Rainha Nossa Senhora o real cetro de oiro esmaltado, que lhe ministrara em um grande prato de prata doirada o tesoureiro da Casa Real, João Inácio Holbeche. Todos tomaram seus lugares, embora conservando-se de pé, como manda a etiqueta. Então o doutor José Ricalde Pereira de Castro, do Conselho de Sua Majestade e desembargador do Paço, subiu ao estrado para proferir a fala da aclamação:

— «Ouvide, ouvide, ouvide, estai atentos!» — disse o Rei de Armas Portugal; depois do que o doutor José Ricalde começou a recitar a sua notável oração, que amanhã reproduziremos na íntegra.

Finda que foi a fala, passou-se à cerimónia do juramento.

Ajoelhou-se a Rainha sôbre uma rica almofada de lustrina carmesim e na sua frente ajoelharam o Em.^{mo} Patriarca eleito e os Bispos de Elvas e de Penafiel; e, pondo Sua Majestade a mão direita sôbre o Missal e o Crucifixo que o Patriarca sustentava, proferiu a fórmula do juramento, que é a seguinte:

— *Juro e prometo, com a graça de Deus, vos reger e governar bem e diretamente, e vos administrar diretamente Justiça, quanto a humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos bons costumes, privilégios, graças, mercês, liberdades e franquezas, que*

pelos Reis meus predecessores vos foram dados, outorgados e confirmados.

A seguir prestaram juramento de preito e homenagem o Sereníssimo Príncipe D. José, o Infante D. João, que ontem completou 10 anos, e o Duque de Cadaval (aos quais fôra dispensada a menoridade), o Conde da Ponte, como mordomo-mor de El-Rei, os Marqueses, Condes e mais títulos, Secretários de Estado, Prelados, Ministros dos Tribunais, Alcaldes-mores, Monsenhores, Cónegos, Officiais-mores, etc., que, por esta ordem, foram beijando a mão a Sua Majestade.

*

Acabada a religiosa cerimónia do juramento, que o Visconde de Vila Nova da Cerveira declarou Sua Majestade a Rainha aceitar, imediatamente o **Alferes-mor** do Reino, Conde de S. Lourenço, com a **bandeira** real desenrolada, disse em voz alta:

— *Real, real, real, pela muito alta, muito poderosa, a Fidelíssima Senhora Rainha D. Maria I Nossa Senhora!*

Repetiram logo estas palavras os reis de armas, arautos, passavantes e todos os que estavam na Varanda, ao mesmo tempo que começaram a soar os instrumentos dos ministres, tímboles, clarins, charamelas e trombetas.

Feito êste primeiro auto, dirigiu-se o Conde de S. Lourenço ao balcão do meio da galeria que dominava a praça e repetiu a cerimónia da aclamação.

O que foi o entusiasmo do povo, nesse momento solene, não se pode descrever. Salvaram as peças de

artilharia do Castelo, das Tôres e das naus, repi-
caram os sinos da Sé e das demais igrejas da cidade;
mas acima de tudo ouvia-se a vozearia do povo sol-
tando incessantes *vivas* à amada Soberana que tão
esperançosamente deu comêço ao seu reinado por
actos de clemência, de justiça e de liberalidade.

Era tal o delírio da multidão que, sem respeito
pelas ordens dadas, ultrapassou os cordões da tropa
que estava formada e invadiu a Varanda. Quiseram
expulsá-la fora; porém, Sua Majestade a Rainha, com
a sua infinita benignidade, deu ordem para que dei-
xassem passar quem quisesse. Então, gente de tôdas
as condições se precipitou sôbre a Rainha e, de joe-
lhos, a beijar-lhe a fímbria do vestido e do manto
real, nem a deixavam caminhar. Sua Majestade, po-
rém, que até ali se conservara melancólica, mostrou
um sorriso de satisfação e, por fim, estava tão como-
vida que os olhos se lhe encheram de lágrimas.

Foi o momento mais belo das festas de ontem.

Todos afirmam que não há memória de Rei por-
tuguês aclamado com mais *vivas* de alegria **nem** maio-
res esperanças. E o Embaixador de Espanha dizia-me,
à saída, que não podia haver Monarca mais aplaudido
e mais amado do que o era a Rainha Nossa Senhora.